



**FACULDADE DE TECNOLOGIA, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO**

**Graduação**

## **GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

### **O desenvolvimento infantil e a aprendizagem**

Aldo Fortunado da Silva  
Rute Nunes Góes (Orientadora)

#### **RESUMO**

O presente artigo aborda a educação infantil sob a perspectiva do desenvolvimento e aprendizagem da criança no século XXI, a proposta é esclarecer, através de revisão de literaturas, a importância da aprendizagem de qualidade e seus possíveis entraves no processo educacional. Assim, o tema infância é rico em diversidade intelectual, no entanto, o ser humano deve conhecer suas particularidades enquanto seres em formação física, psíquica, social, emocional e intelectual. Portanto, nota-se que a criança precisa ser trabalhada para entrar na fase adulta lentamente, pois, quando uma criança é bem trabalhada tanto na escola como na vida familiar no período de sua infância, em suas habilidades e aprendizado, ela se torna um adulto mais crítico, com uma mente mais aberta para entender e coexistir em um mundo em constante mudança e modernização.

**Palavras-chave:** Educação. Infância. Desenvolvimento. Aprendizagem. Formação.

#### **ABSTRACT**

This article addresses children's education from the perspective of child development and learning in the 21st century. This study presents what should be the reality of teaching children. For this reason, this study aimed to clarify, through a literature review, the doubts about this mentioned issue of the child's development and how it happens to the learning of this public still of that age, including, in the school, exposing the importance of Basic Education and their possible obstacles in the teaching-learning process of children in the current context. Thus, the theme of childhood is rich in intellectual diversity, however, the

human being must know their particularities as beings in physical, psychic, social, emotional and intellectual formation. Therefore, it is noted that the child needs to be worked on to enter into adulthood slowly, because when a child is well worked both in school and family life in the period of his childhood, in his abilities and learning, he becomes a grown adult critical, with a more open mind to understand and coexist in a world constantly changing and modernizing.

**Key words:** Education. Childhood. Development. Learning. Training.

## **Introdução**

Num ambiente de aprendizagem, neste início de século XXI, requer dos sujeitos presentes habilidades diversas, inclusive nos espaços escolares. Além disso, de saber como lidar com os variados instrumentos que fazem parte de seu novo contexto social. Por isso, para que a escola cumpra seu papel, é fundamental e necessário ter um grupo de profissionais aptos a esse tipo de serviço, bem como para ofertar e executar com qualidade o ensino para todos. Em especial, na educação infantil, nas séries iniciais e anos seguintes, com padrão satisfatório de aprendizagem e ensino significativos (LÉVY, 2009).

Além de preparação, a educação infantil deve ter qualidade para cuidar das crianças em fase de desenvolvimento nesse tempo no espaço escolar. Se faz preciso trabalhar com amor, carinho e dedicação. Mas, encontramos professores perdidos em meio a tantos alunos que, super estimulados pelas mídias, não conseguem encontrar significado nas aulas e cuidados “tradicionais” O novo desafio na era tecnológica: cuidar, brincar, educar e ser contemporâneo na utilização dos novos recursos advindos a cada instante (WEIGEL, 1988).

Ao observar uma realidade, a sala de aula apresenta defasagem entre nível de ensino e alunado misto. Na qual, o profissional da educação precisa conciliar turmas de Educação Infantil e do primeiro ano do ensino fundamental. Talvez, essas sejam as principais inquietações no momento. Pois, do profissional nada consta especificamente para questionar. Ou seja, é mais uma questão de estrutura mesmo e envolvimento dos pais durante o processo. Estes, muitas vezes, tão distantes da vida escolar dos filhos. Assim, é preciso compreender como as crianças aprendem e se relacionam no seu mundo, inclusive por meio das tecnologias (GUBAÚA, 1979).

Destarte, para proporcionar um entendimento sobre os principais conceitos de Educação Infantil e o uso adequado dos lugares, em campo social,

escolar e tecnológico. Entretanto, para desenvolver nas crianças prazer pelo ir à escola, brincar e interagir com outras da mesma faixa etária. Principalmente, por analisar como a escola deve trabalhar de modo coerente com recursos disponíveis de ensino diversos (WEIGEL, 1988).

Sobretudo, como propor atividades que envolvam o uso de celulares nos grupos de alunos. Geralmente, eles dominam celulares melhor do que seus professores e aprendem rápido a usá-los (LÉVY, 2009).

## **1 A HISTÓRIA POR TRÁS DO DESENVOLVIMENTO**

As experiências da infância para o desenvolvimento da criança são reconhecidamente importantes. Com isso, os estudos sobre a organização de uma proposta de educação para a faixa etária de zero a cinco anos de idade vêm se intensificando no mundo contemporâneo, motivados, por exemplo, pela necessidade da apropriação de como se caracterizam as etapas do desenvolvimento humano em diferente faixa etária, o interesse dos pais em acompanhar e promover o melhor desenvolvimento físico, mental e social de seus filhos tem se tornado cada vez mais amplo.

O desenvolvimento da criança inicia muito antes de seu nascimento, na vida intrauterina, portanto, atualmente, não há como deixar de considerar os estudos sobre o desenvolvimento biológico e social.

A criança ao nascer vive um momento incomum, pois é retirada de uma situação estável, cômoda e é lançada ao mundo. Essa passagem exige da criança um esforço individual, pois, de agora em diante, dependerá dela a busca para suprir suas necessidades básicas. Oliveira (1993, p. 46), em estudo sobre Vygotsky, aborda:

Na evolução do indivíduo, observada desde seu nascimento, ocorre um processo semelhante àquele descrito para a história da espécie. Antes de o pensamento e a linguagem se associarem, existe, também, na criança pequena, uma fase pré-verbal no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem. Antes de dominar a linguagem, a criança demonstra capacidade de resolver problemas práticos, de utilizar instrumentos e meios indiretos para conseguir determinados objetivos.

Após seu nascimento e diante dessa condição descrita por Vygotsky, a criança estabelece seu primeiro vínculo com a pessoa que lhe permite suprir suas necessidades, geralmente, a mãe.

Esse vínculo se fortalece à medida que a criança passa a identificar que é por meio dessa pessoa que consegue se relacionar com o seu “novo” espaço. A partir de então reage aos estímulos externos através do choro, do riso e do balbucio desenvolvendo uma forma de comunicação.

Nessa etapa é importante a organização de uma rotina com horários e atendimentos fixos, pois assim o bebê internaliza as manifestações e passa a interagir com as pessoas. Vygotsky explica que a criança desenvolve sua capacidade simbólica a partir de sua prática e estabelece, assim, a consciência de sua experiência, de seu pensamento reflexivo, atividades puramente humanas. A narrativa que a criança estabelece com o adulto e o mundo ao seu redor é primeiramente uma narrativa não verbal, constituída a partir de sua lógica. Mas é com essa interação com o adulto, com uma “cultura mais madura” e estruturada que se dá o salto qualitativo para o pensamento verbal (OLIVEIRA, 1993).

A criança entre a idade de zero aos onze meses passa a identificar objetos (estende os braços e mãos para pegar objetos), a formular respostas (chora, sorri, demonstra medo), a reconhecer sua imagem e compreender o significado de algumas manifestações (bate palmas, manda beijos, etc.). Vygotsky (1988, p. 27), explica que:

Antes de controlar o próprio comportamento, a criança começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Isso produz novas relações com o ambiente, além de uma nova organização do próprio comportamento. A criação dessas formas, caracteristicamente humanas de comportamento produz, mais tarde, o intelecto, e constitui a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos. Pode-se afirmar a partir dessas constatações que o desenvolvimento da criança se determina profundamente durante os primeiros anos de vida e que as interações que estabelece são mediadas por outras pessoas e pelo contexto social ao qual está inserido.

A partir da exploração e compreensão do mundo físico, a criança estabelece sua própria maneira de interpretar seu entorno e a forma de convivência com as demais pessoas, estabelece relações, desenvolve sua inteligência e a capacidade da ampliação de novos conhecimentos. Do primeiro

ano aos cinco anos de idade a criança adquire novas aptidões, novas ideias e nesse processo forma sua personalidade, para isso tem na fala um poderoso instrumento para o desenvolvimento de um sistema linguístico, para a organização do pensamento, para a reorganização das funções psicológicas e para a interação com o meio social.

As coisas que a gente fala, saem da boca da gente e vão voando, voando, correndo sempre pra frente. Entrando pelos ouvidos de quem estiver presente. [...] Sejam palavras bonitas ou sejam palavras feias; sejam mentira ou verdade, ou sejam verdades meias; são sempre muito importantes as coisas que a gente fala. Aliás, também têm força as coisas que a gente cala. Às vezes, importam mais, que as coisas que a gente fez. Mas isso é uma outra história que fica pra outra vez [...] (ROCHA, 1989, p. 6-26).

Com a capacidade para interpretar, interagir e se comunicar com o meio, o universo de relações da criança se amplia e assim vai se distanciando de sua condição egocêntrica à medida que aprimora sua linguagem e estabelece a capacidade de resolução de desafios cada vez mais complexos.

Recorrendo ainda a Vygotsky (1988, p. 31), vale a pena citar a passagem a seguir:

[...] a capacitação especificamente humana para a linguagem habilita as crianças a providenciarem instrumentos auxiliares na solução de tarefas difíceis, a superar a ação impulsiva, a planejar uma solução para um problema antes de sua execução e a controlar seu próprio comportamento. Signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas. As funções cognitivas e comunicativas da linguagem tornam-se, então, a base de uma forma nova e superior de atividade nas crianças, distinguindo-as dos animais.

Nesse processo, podemos concluir que a convivência com as pessoas possibilita à criança estabelecer novas relações e ampliar sua capacidade de comunicação e resolução de conflitos. Para tanto, os momentos de socialização à criança permitem o confronto de sua “história individual com a história social” proporcionando a apropriação de novos conhecimentos e possibilidades de aprendizagem.

A escola, enquanto instituição formadora, tem condições de oferecer à criança uma diversidade de relações, com diferentes grupos e saberes,

ampliando na mediação com o outro, seu patrimônio cultural, o seu desenvolvimento cognitivo.

## **2 O PAPEL DO DOCENTE NO DESENVOLVIMENTO**

O período escolar, da educação infantil começa formar sua personalidade com base nas relações que possuem aos que estão na sua volta.

Em vista disso, o ambiente escolar deve desempenhar um papel socializador, construindo na mente da criança a vontade de se relacionar com outrem, e nesse desenvolvimento relacional, o professor é o mediador de seus conhecimentos expressivos. O professor é como um espelho para seus alunos.

O papel do professor é fundamental no andamento das atividades na Educação Infantil, pois ele é o mediador entre a criança e o conhecimento. Daí a extrema necessidade do profissional viver, no seu íntimo, ou seja, se dedicar ao ofício se esmerando, constantemente na busca por aprender mais sobre a ciência e sobre o desenvolvimento de crianças; e a forma como elas veem e sentem o mundo, criando oportunidades para elas manifestarem seus pensamentos, linguagem, criatividade, reações, imaginação, ideias e relações sociais.

Também é fundamental as habilidades do educador que, para saber diferenciar entre brincar e ensinar, uma vez que é brincando que as crianças amadurecem, (VYGOTSKY, 1988) exploram o ambiente e refletem sobre as formas culturais onde vivem, por outro lado, o professor deve utilizar seus conhecimentos para elaborar comentários, formular perguntas, provocar desafios e incentivar a verbalização.

Portanto, além das rotinas de sala de aula, o professor, no ofício da sua missão, tem o compromisso em manter um zelo pelas crianças que as acompanham em todos os ambientes, desde os pátios da escola até na convivência em casa com seus pais.

Como saída para a indissociação entre o cuidar e o educar, surge no presente a ideia de educação como papel socializadora que deve proporcionar às crianças o desenvolvimento de situações significativas de aprendizagens, na

qual o educador, ao mesmo tempo em que cuida da criança, deve educá-la. Nessa perspectiva, o RECNEI (1998, p. 23) enfatiza:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural.

A educação tem como propósito o desenvolvimento formativo dos sujeitos que participam da educação infantil e o ato de educar como um contíguo de aprendizagens globalizadas que permitem a criança alargar suas potencialidades nos diversos sentidos, além dos muros da escola atingindo a sociedade em que estão inseridas. Dessa maneira, ao vivenciar a realidade do educando fica mais fácil para o educador conduzir as relações e os saberes de acordo com sua questão social, não deixando de ser ético, competente e humano.

A relação saudável entre professor e aluno faz progredir o desempenho escolar de todos, ampliando as competências e as habilidades.

### **3 DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DE 0 A 6 ANOS**

Para poder avançar na explicação de uma determinada maneira de entender o desenvolvimento, convém esclarecer alguns conceitos que utilizamos seguidamente e que, às vezes, podem gerar confusões, se não forem utilizados da maneira como o leitor ou a leitora foi avisado para fazê-lo.

São destacados três conceitos muito relacionados: maturação, desenvolvimento e aprendizagem. Quando se fala de maturação, refere-se às mudanças que ocorrem ao longo da evolução dos indivíduos, as quais se fundamentam na variação da estrutura e da função das células. Assim, pode-se falar, por exemplo, de maturação do sistema nervoso central, mediante a qual são criadas as condições para que haja mais e melhores conexões nervosas que permitam uma resposta mais adaptada às necessidades crescentes do indivíduo (RCNEI).

A maturação está estritamente ligada ao crescimento (que corresponderia basicamente às mudanças quantitativas: alongamento dos ossos, aumento de peso corporal, etc) e, portanto, aos aspectos biológicos, físicos, evolutivos das pessoas. Quando se trata de desenvolvimento. Refere-se explicitamente à formação progressiva das funções propriamente humanas (linguagem, raciocínio, memória, atenção, estima). (RCNEI)

Trata-se do processo mediante o qual se põem em andamento as potencialidades dos seres humanos. Consideramos que é um processo interminável, no qual se produz uma série de saltos qualitativos que levam de um estado de menos capacidade para um de maior capacidade, gerando mais autonomia, finalmente, tem-se o objetivo de destacar as características do conceito de aprendizagem.

Mediante os processos de aprendizagem, incorporamos novos conhecimentos, valores, habilidades que são próprias da cultura e da sociedade em que vivemos.

As aprendizagens que incorporamos fazem pessoas mudarem de condutas, de maneiras de agir, de pensar, de falar (responder), e são produto da educação que outros indivíduos, da nossa sociedade, planejaram e organizaram, ou melhor, do contato menos planejado, não tão direto com as pessoas com quem nos relacionamos.

A partir dessas definições, podemos expor como as pessoas entendem que se desenvolvem os meninos e as meninas dessas idades e qual é o papel da escola na potencialização desse desenvolvimento? De zero a seis anos, ocorre um processo de complexidade do ser humano que não se repetirá durante seu desenvolvimento.

As crianças, quando nascem, necessitam de cuidados mínimos e de atenção não muito complexa (comer e dormir certas horas e receber atenção às demandas a que o recém-nascido começa a fazer). À medida que vão crescendo, aumenta a complexidade de suas demandas (choram porque têm vontade ou mal-estar, ou não querem estar sozinhas, ou querem estar com uma outra pessoa, etc.) e também aumenta sua capacidade de resposta (começam a ter critérios próprios em alguns aspectos e, portanto, mediante o uso de linguagem podem pedir o que querem). Também se tornam mais complexas as realidades em que vivem essas crianças: passam do âmbito relacional reduzido

ao estabelecimento de relações com pessoas mais alheias e desconhecidas, a ter necessidade de valer-se por si mesmas, de garantir-se sem a presença constante das pessoas mais próximas. A complexidade é consubstancial ao processo de desenvolvimento dos seres humanos. Esse desenvolvimento é caracterizado pelo seu caráter único com relação às outras espécies vivas: o ser humano é o único ser vivo que pode planejar sua ação, pôr em andamento uma atividade psíquica que lhe permita realizar ações criadoras.

Também é necessário destacar que a diversidade é uma característica do ser humano, pois todas as pessoas são diferentes em suas particularidades físicas e psíquicas: cada uma recebe, por meio de herança, determinadas características físicas e determinadas potencialidades, que se desenvolvem em um determinado ambiente. Tudo isso exige-nos a necessidade de falar simultaneamente das características de unicidade e de diversidade do ser humano. (RCNEI)

Quando uma criança nasce, recebe de seu pai e de sua mãe uma informação genética que lhe permite fazer parte da espécie humana: traços morfológicos, um sexo definido, algumas capacidades de desenvolvimento que estão inscritas em determinada constituição do cérebro e um calendário de maturação.

Todos os recém-nascidos têm duas pernas, dois braços, traços faciais de seres humanos e um sexo determinado. Esses são os traços característicos que externamente o identificam como um ser humano. Também nascem com um cérebro, que está preparado para crescer e desenvolver-se de modo espetacular.

A informação que o cérebro contém é caracterizada pelo fato de que marca todas as possibilidades de desenvolvimento que tem o ser humano, mas não impõe limitações. Assim, por exemplo, o cérebro contém todas as informações para que uma criança possa falar, porém não determina em que língua o fará. Nem o grau de aquisição que atingirá. Isso dependerá do contexto linguístico em que essa criança passe a conviver e a mover-se, do grau de correção de linguagem que se fala em sua volta e de suas experiências para utilizar a linguagem com diferentes finalidades.

Nosso código genético contém uma informação que denominamos de calendário de maturação. Com esse conceito, pode-se referir a uma série de

informações geneticamente estabelecidas por meio das quais se sabe que os seres humanos passam por uma sequência de desenvolvimento que sempre é igual para todos (caminhar aproximadamente ao final do primeiro ano de vida, falar aos dois anos, etc.) e que, em seus traços característicos básicos, não se realizam com grandes variações (por exemplo, uma criança não poderá caminhar aos seis meses, porque nessa idade ainda não tem um desenvolvimento motor que lhe permite fazê-la; consegue somente permanecer sentada). (RCNEI)

Essa sequência determina que coisas são possíveis em diferentes momentos. Esse calendário de maturação é especialmente indicativo das possibilidades e da sequência de desenvolvimento nos dois primeiros anos de vida, já que está muito relacionado a uma maturação neurológica essencial. Depois disso, as aquisições estarão marcadas por outros aspectos, como a estimulação e a ajuda recebidas do exterior.

A compreensão da influência hereditária no desenvolvimento do ser humano está bem esclarecida na diferenciação, apresentada por F. Jacob e registrada em Palácios (1979), entre a parte aberta e a parte fechada do código genético. (RCNEI)

A parte fechada do código genético é aquela que impõe uma determinada informação genética que será necessariamente cumprida. Essa informação genética que estabelece um ciclo de vida determinado para os seres humanos têm alguns reflexos no momento do nascimento; algumas características genéticas determinadas.

A parte aberta do código genético, ao contrário, estabelece um conjunto de potencialidades que não se desenvolvem totalmente sem influência do meio, sem a estimulação das pessoas com as quais convivem. (RCNEI)

Trata-se, por exemplo, das possibilidades de utilização da linguagem, das capacidades de estabelecimento de vínculos emocionais e da resolução de problemas. Em cada uma dessas funções e capacidades, há um predomínio específico da parte aberta ou da parte fechada do código genético. Assim, é esse grau de predominância do código que explica as diferenças entre umas e outras capacidades infantis. Por exemplo, podemos constatar que, em relação ao desenvolvimento das capacidades motrizes, todos os meninos e as meninas conseguem caminhar concretamente por volta do primeiro ano, sem

necessidade de que se faça uma estimulação específica nesse sentido, uma vez que essas capacidades estão fortemente moduladas pela parte fechada do código genético.

Por outro lado, é difícil que todas as crianças consigam um desenvolvimento da linguagem em toda a sua amplitude sem estimulação do meio que permite a sua utilização em todas as suas funções e usos, já que a linguagem está regulada pela parte aberta do código genético. Assim, constata-se que a herança recebida nos dá uma série de possibilidades e indica-nos em que momento aproximado estará disponível. O grau de aquisição e as características de tal aquisição dependerão das inter-relações que a criança faz em experimentações com as pessoas de seu convívio. Podemos destacar que no decorrer do primeiro ano, os bebês têm a capacidade de começar a estabelecer fortes vínculos com as pessoas que os cuidam.

O fato de estabelecerem ou não esses vínculos, que lhes proporcionam segurança ou que constituem vínculos instáveis e inseguros dependerá das características das relações que o bebê vai tecendo durante seu primeiro ano de vida. O desenvolvimento da espécie humana é, portanto, o resultado de uma interação entre o programa de maturação (inscrito geneticamente) e a estimulação social e pessoal que a criança recebe das pessoas que a cuidam. Logo, entende-se que os aspectos psicológicos de desenvolvimento não estão predeterminados, mas que são adquiridos mediante a interação com o meio físico e social que envolve as crianças desde o seu nascimento. Para entender as aquisições que os meninos e as meninas podem fazer no decorrer dos anos da educação infantil, convém definir como consideramos o processo de aprendizagem das crianças e, também, as relações que se pode descascar entre a aprendizagem e o desenvolvimento. Nessas idades, sobretudo na fase da creche, considera-se, muitas vezes, que os meninos e as meninas não podem aprender, se não tiverem desenvolvido previamente algumas características consideradas imprescindíveis. Um dos exemplos mais típicos e conhecidos nas escolas é o fato de dizer que crianças de quatro ou cinco anos não se pode ensinar os numerais, porque elas não têm a noção e o conceito de número corretamente estabelecido. Isso ilustra claramente a tendência em subordinar a aprendizagem ao desenvolvimento, no tocante de entender que primeiro se

desenvolve uma série de capacidades cognitivas e depois se pode iniciar o ensino de conceitos que envolvam tais capacidades.

O fato de que a escola estabelece esse tipo de decisões está diretamente relacionado com o que a psicologia diz em relação a esses aspectos. Nesse sentido, destacamos que algumas das abordagens fundamentais feitas pela psicologia genética de Jean Piaget estão rigidamente aplicadas na escola e, então, ocorrem comportamentos práticos educativos discutíveis que promovem a aprendizagem. (VYGOTSKY)

A perspectiva que Vygotsky (1984) abordou em relação à aprendizagem escolar é fundamental para que se possa raciocinar e entender qual é a natureza da aprendizagem e do ensino escolar e sobre que relações seria conveniente estabelecer o desenvolvimento da criança. Segundo o psicólogo russo:

[...] para que possa haver desenvolvimento é necessário que se produza uma série de aprendizagens, as quais, de certo modo, são condições prévias. Assim, voltando ao exemplo que apresentamos antes, é necessária uma série de aprendizagens em relação a situações de contar, de lembrar, recordar a seriação numérica, experiências contatos com coisas possíveis de contar e outras incontáveis; etc., para a criança poder chegar a conceitualizar a noção de um nome, como a inclusão de todos os outros (o cinco incluiu o quatro, o três, o dois, o um, independentemente de questões perspectivas a disposição espacial dos objetos não influencia a quantidade. (VYGOTISKY).

A partir disso, entendemos que a maturação por si só não seria capaz de produzir as funções psicológicas próprias dos seres humanos: é a aprendizagem na interação com outras pessoas que nos dá a possibilidade de avançar em nosso desenvolvimento psicológico. Esses processos de interação com outras pessoas permitem o estabelecimento das funções psicológicas superiores. Assim, as crianças começam a utilizar a linguagem como um veículo de comunicação, controle e regulação das ações das outras pessoas, e somente depois de tê-la utilizado interagindo com as outras pessoas é que a linguagem converte-se em um instrumento idôneo para planejar a ação, ou melhor, a linguagem transforma-se em pensamento.

Começamos, então, a delinear a importância fundamental que têm as pessoas mais capazes da espécie no processo de desenvolvimento das crianças. Os pais, os professores de educação infantil e também os meninos e as meninas mais velhos. A criança pequena, quando atua juntamente com uma

pessoa mais capaz, pode chegar a fazer algumas coisas que não consegue fazer em um momento em que esteja sozinha. Assim, por exemplo, um menino de um ano pode colocar uma peça em cima da outra e fazer uma torre somente se a pessoa mais capaz do que ela acompanhar sua mão. Ou, então, uma menina de dois anos poderá contar os dois pedaços de carne que tem para comer, se a pessoa mais capaz lhe ajudar. Contando com ela. Ou, ainda, um menino de três anos poderá pôr a mesa, na escola, se sua professora disser como deve proceder. Também um menino de quatro anos poderá reconhecer o seu nome, quando vê a professora escrevê-la. Uma menina de cinco anos poderá explicar um conto literário, se a professora, a mãe ou o pai derem a ela diferentes pistas que a ajudem a ordenar os dados.

As crianças poderão realizar todas essas atividades sozinhas, mais adiante, sem prescindir da ajuda de outra pessoa mais capaz ou de um adulto para indicar os processos, como apresentado nos exemplos anteriores. Nesses processos, as crianças pequenas interiorizam os objetivos, os procedimentos e as regulações que vão compartilhando com a outra pessoa mais capaz, o que as tornam capazes de fazê-lo automaticamente. A partir desses exemplos, podemos dizer que tudo o que a criança pequena sabe fazer com a ajuda, a orientação e a colaboração de pessoas mais capazes é o que Vygotsky denomina nível de desenvolvimento potencial. Aquilo que a criança pequena já é capaz de fazer sozinha no mesmo momento pode ser considerado o nível de desenvolvimento efetivo.

Aquilo que a criança pequena sabe trazer com a ajuda de outras pessoas mais capazes e não sozinha, Vygotsky destaca que acontece porque algumas funções não estão totalmente desenvolvidas, mas estão em desenvolvimento; portanto, a aprendizagem que a criança pequena faz, praticando esses aspectos juntamente com uma pessoa mais capaz, é o que lhe permitirá chegar a desenvolver algumas capacidades pessoais que poderá exercer sozinha mais adiante. Nesses conceitos Vygotskyanos encontramos uma definição satisfatória referente às relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Pode-se destacar que a aprendizagem facilita e promove o desenvolvimento através da criação de zonas de desenvolvimento potencial, as quais, segundo o que já mencionamos, podemos definir como a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o

nível de desenvolvimento potencial determinado através da resolução de um problema sob a orientação de uma pessoa adulta ou com a colaboração de um companheiro mais capaz (VYGOTSKY, citado por RIVIERE, 1981).

Atuando com outra pessoa na zona de desenvolvimento próximo, a criança interioriza a ajuda proporcionada, incorporando, assim, aos seus conhecimentos e às suas ações novas dimensões que a farão mais funcional, mais complexa e mais capaz de resolver problemas. Finalmente, podemos destacar que, no processo de ajuda, de cuidado dedicado a uma criança pequena, os educadores e os pais atuam de uma maneira ou outra, conforme entendem implicitamente que seja seu papel no processo de estimulação dessa criança: para que ela desenvolva suas aptidões e até possa antecipar suas capacidades, a partir de um processo de observação constante dos aspectos que esteja incorporando, para conseguir melhorar essas suas capacidades. Nessa atuação conjunta, pais e educadores ajudam a criança pequena em seu avanço pessoal. Todos esses aspectos estão integrando concepção construtivista do desenvolvimento e da aprendizagem (COLL, 1986, 1990) e, a partir dessa perspectiva, entende-se que o desenvolvimento não surge do nada.

Mas é uma construção sobre a base de desenvolvimento que existe previamente, sendo uma construção que exige o envolvimento tanto do menino ou da menina como daqueles que se inter-relacionam com ele ou ela, tratando-se de processos modulados pelo contexto cultural em que vivem.

É necessário destacar que, nos últimos anos tem havido entre os investigadores e estudiosos da psicologia evolutiva e da educação, em nosso contexto cultural, o que poderíamos nomear de um certo “acordo construtivista”, já que seus fundamentos teóricos sustentam várias explicações dadas sobre o desenvolvimento do ser humano. (RCNEI)

O currículo proporciona informações referentes a que, quando e como ensinar e avaliar. É necessário revisar alguns aspectos importantes pelo modo como se relacionam a cada uma dessas questões. No decorrer da etapa da educação infantil, há uma série de saberes culturais que devem ser conhecidos e de aspectos que ajudam a desenvolvê-los. Quando se fala de tudo isso, refere-se aos conteúdos educativos. Eles têm sido uma fonte de mal-entendidos em educação e, sobretudo, em educação infantil. (RCNEI)

Julgava-se que falar de aprendizagem de conteúdos nessa etapa, necessariamente, queria dizer não considerar as particularidades da etapa e “escolarizar” (no mau sentido da palavra) a creche e a pré-escola. No auge da reforma educativa, dá-se muita importância aos conteúdos, porque é o que se aprende, sobre o que atua a atividade auto estruturante das crianças: é a partir dos conteúdos que somos capazes de desenvolver as nossas capacidades e converter-nos, gradativamente, em pessoas com mais recursos, com uma inteligência que nos permite o confronto com outras situações, etc. Por exemplo, para que a criança construa a sua noção de identidade – conteúdo conceitual – é preciso fazer diferentes atividades que lhe permitam diferenciar-se de outras pessoas: aprender o seu nome e os dos outros membros da família, saber que é um menino ou uma menina, etc.

Os conteúdos, objetos de aprendizagem, ordenam-se e organizam-se em torno das áreas curriculares que, na educação infantil, são âmbitos de experiência muito próxima da criança: A descoberta de si mesma. A descoberta do meio social e natural. A intercomunicação e as linguagens. O conceito de conteúdo é entendido de maneira mais ampla do que anteriormente; em geral. Têm-se identificado conteúdo com dados ou conceitos que a criança precisa aprender. Atualmente, identificamos como conteúdos de aprendizagem todos os aspectos que as crianças precisam conhecer, saber fazer, e saber como se comportar. (VYGOTISKY, citado por RIVIERE, 1981)

Assim, fala-se de três tipos de conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais.

É preciso destacar que essa é uma terminologia muito útil para o ensino fundamental e também interessante para a educação infantil. Às vezes, porém. Apresenta algumas dificuldades nos conteúdos trabalhados na creche e na pré-escola. Em termos gerais, para todo o sistema educativo, tem a vantagem de permitir ir mais além na polêmica de se a escola deve ensinar conceitos ou incidir nos processos de aprendizagem. Conhecer a existência de coisas, pode dizer características e estabelecer relações, implica no aprender fatos e conceitos. (VYGOTISKY)

Na creche e na pré-escola existem basicamente fatos: As cores, nome da criança, as partes do seu corpo, saber que se podem conseguir coisas através da linguagem. Conhecer o nome das coisas e alguns conceitos iniciais: os

conceitos que elabora em torno do que é um animal, a escola, a noite, a televisão; uma representação que o menino ou a menina faz da realidade a partir de cenas e planuras vividas – sempre que signifiquem a representação do que se apresenta – que lhe permitam antecipar e prever. Os procedimentos podem ser mais abertos, como as estratégias (conjunto de ações ordenadas para facilitar a resolução de problemas diversos). É necessário motivar a interação entre a criança e o adulto para motivá-la a atuar, a assumir novos caminhos, a relacionar-se, a colocar as dúvidas e a buscar soluções.

É preciso facilitar contextos ricos que permitam à criança defrontar-se com novas experiências que lhe sejam interessantes e nas quais possa experimentar, manipular, observar; etc. A relação ótima entre a professora e as crianças é aquela que estabelece através de situações de comunicação real, que permite à menina ou ao menino criarem novos significados com os quais poderão dar sentido a suas novas aprendizagens. A professora ou o professor deverá facilitar as ferramentas para conhecer a realidade e para ajudar a fazer uma memorização abrangente dos aspectos que vivenciam na escola.

Os meninos e as meninas dessa idade apresentam necessidades educativas diversas, as quais a professora deverá conhecer para poder ajustar à sua ajuda, conforme as capacidades manifestadas. É importante utilizar metodologias diversas que incorporem diferentes tipos de situações de interação; nesses momentos, a professora poderá proporcionar a ajuda que cada criança necessita, considerando as suas capacidades e as suas dificuldades.

Em consequência, não se trata de prescrever um só método, mas de utilizar as estratégias que sejam adequadas para dar o tratamento educativo que cada menino ou menina necessita. A relação com as famílias.

O objetivo prioritário da colaboração entre professores e pais é o de ajudar a desenvolver todas as capacidades das crianças. É preciso buscar canais de comunicação entre ambos, que permitam incentivar ao máximo essas capacidades. Particularmente na etapa da educação infantil, é importante uma boa comunicação entre a escola e a família para facilitar a adaptação das crianças aos novos contextos e, em consequência, às novas demandas, exigências e possíveis dificuldades. A comunicação entre as famílias e a escola normalmente é estabelecida através dos seguintes canais: as entrevistas

personais, os informes, as reuniões das turmas de cada ciclo, os escritos informativos, a celebração de atividades e de festas conjuntas e a colaboração nas tarefas educativas. Ao adotar um currículo aberto e flexível muitas das decisões em relação a como e quando ensinar ficam atribuídas às equipes de professores das escolas. Uma vez definidos os objetivos e os conteúdos para a etapa no primeiro nível de concretização, as escolas podem sequenciar esses conteúdos por ciclos e por cursos, identificando os objetivos para as áreas adequadas às características do contexto em que sejam trabalhados.

Finalmente, um currículo fornece informação em relação aos diferentes aspectos referentes à avaliação: o que avaliar, como avaliar e em que momentos é preciso fazê-lo. No documento normativo a que nos referimos, são oferecidas as seguintes recomendações: A avaliação deve proporcionar informação útil para poder continuar ensinando. É preciso avaliar todos os tipos de conteúdos e em relação a todas capacidades que são necessárias desenvolver.

O referente último em avaliação deve ser os objetivos gerais da etapa; porém, como esses não são diretamente avaliáveis, é preciso identificar os objetivos didáticos que se referem aos objetivos gerais que deverão ser alcançados. Os objetivos didáticos referem-se às situações educativas propostas às crianças e, portanto, podem ser avaliados através da análise e da observação do grau de alcance dos objetivos previsto para a situação. É preciso avaliar também o Projeto da Escola com a finalidade de identificar possíveis desconexões entre os objetivos formulados e o nível de aprendizagem obtido.

É necessário avaliar no princípio, durante e no final do processo de aprendizagem. É necessário fazer uma avaliação sistemática e continuada no decorrer de todo o curso. É necessário avaliar ao concluir uma etapa educativa. A avaliação é um processo que compreende uma série de dados; é preciso valorizá-los e tomar decisões que impliquem o ajuste da prática educativa. A observação é a estratégia principal da avaliação na etapa da educação infantil.

## **Referencial Teórico**

VYGOTSKY (1998), um dos representantes mais importantes da psicologia histórico-cultural, partiu do princípio que o sujeito se constitui nas relações com os outros, por meio de atividades caracteristicamente humanas:

[...] pelos de domínio dos meios externos do desenvolvimento cultural e do pensamento: o idioma, a escrita, o cálculo, o desenho, bem como pelas funções psíquicas superiores especiais, aquelas não limitadas nem determinadas de nenhuma forma precisa e que têm sido denominadas pela psicologia tradicional com os nomes de atenção voluntária, memória lógica e formação de conceitos [...]

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com os companheiros mais capazes.

### **Considerações Finais**

A educação das crianças nem sempre foi aceita como prioridade em nosso país, ganhando espaço apenas ao longo do tempo e por eventos sociais recentes. Juntamente com a globalização, a modernização, a industrialização, a conquista das mulheres pelo direito ao trabalho e à educação infantil foi introduzida nas instituições escolares.

A infância é a primeira etapa da vida de um indivíduo que nunca deixará de existir, mas se esta fase não for devidamente preservada, a essência da infância é brincar sem aprender brincar, a criança pode perder a motivação no desenvolvimento dos recursos vitais e formação infantil de forma integral.

Assim, nota-se que a criança precisa ser ensinada para entrar na fase adulta lentamente, e ser introduzida na sociedade, adquirir conhecimento, desenvolver sua linguagem, brincar e ter interação com outras crianças. É dever dos pais orientar seus filhos, permitir-lhes vivenciar as atividades de acordo com o desenvolvimento, bem como o fato de que a escola deve valorizar as crianças nas atividades desenvolvidas na instituição.

Dessa forma, a educação pré-escolar é uma maneira educativa que enfatiza, prioriza e preserva a importância educacional de base, de modo que a legislação deve tratar a Educação Infantil como uma prioridade na educação de um país.

Com isso, entende-se que a educação infantil, como etapa inicial da educação básica, é de demasiada importância para o desenvolvimento do indivíduo em todos os aspectos de sua formação enquanto aluno e cidadão.

Portanto, observa-se que a educação das crianças deve ser vista pela sociedade com novos olhos, conquistando um maior espaço e, por fim, começam a surgir melhorias na formação dos jovens e crianças, embora a um ritmo lento, muitas mudanças têm tomado lugar. Assim, quando uma criança é bem trabalhada tanto na escola como na vida familiar no período de sua infância, em suas habilidades e aprendizado, ele se torna um adulto mais crítico, com uma mente mais aberta para entender e coexistir em um mundo em constante mudança e modernização.

## Referências

DWARDS, C. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

FARIA, A. L. *et al.* **Educação Infantil Pós-LDB**: rumos e desafios. São Paulo: Autores Associados, 1999.

FREINET, C. **A pedagogia do bom senso**. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

GALVÃO, H. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 2. ed. Petrópolis: Vozes 1995.

GARCIA, R. L. **Em defesa da educação infantil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GARDNER, H. **A criança pré-escolar**: como pensa e como a escola pode ensiná-la. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

LAROSSA, J. **O enigma da infância**: ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contra Bando, 1998.

PINTO, M. *et al.* **As crianças**: contextos e identidades. Portugal: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, 1997.

ROSEMBERG, F. *et al.* **Creches e pré-escolas no hemisfério norte**. São Paulo: Cortez -FCC, 1994.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1996.